

ANÁLISE DE DISCURSO E PSICANÁLISE: UMA RELAÇÃO BIUNÍVOCA?

ANÁLISIS DEL DISCURSO Y PSICOANÁLISIS: ¿UNA RELACIÓN BIUNÍVOCA?

DISCOURSE ANALYSIS AND PSYCHOANALYSIS: A BIUNIVOCAL RELATION?

Fábio Ramos Barbosa Filho*

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

RESUMO: Este artigo propõe uma investigação crítica da relação entre análise de discurso e psicanálise, partindo da hipótese de que essa relação não é biunívoca. Isso significa que não há equivalência entre a forma como a análise de discurso se relaciona com a psicanálise e a maneira como a psicanálise se relaciona com a análise de discurso. Tomando como ponto de partida uma reflexão sobre o lugar da psicanálise no pensamento de Michel Pêcheux, o objetivo central é examinar as especificidades teóricas e heurísticas que caracterizam a relação entre esses dois campos. Busca-se identificar tanto as tensões quanto as possibilidades de articulação, evitando reducionismos ou instrumentalizações superficiais. Nessa perspectiva, o artigo problematiza as premissas e os riscos de uma possível homologia entre os campos, destacando os elementos que impedem uma transposição direta de categorias e abordagens. Por fim, o estudo explora caminhos para uma articulação epistemológica mais consistente e produtiva entre as duas áreas.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Psicanálise. Análise.

RESUMEN: Este artículo propone una investigación crítica de la relación entre el análisis del discurso y el psicoanálisis, partiendo de la hipótesis de que esta relación no es biunívoca. Esto significa que no hay equivalencia entre la forma en que el análisis del discurso se relaciona con el psicoanálisis y la manera en que el psicoanálisis se relaciona con el análisis del discurso. Tomando como punto de partida una reflexión sobre el lugar del psicoanálisis en el pensamiento de Michel Pêcheux, el objetivo central es examinar las especificidades teóricas y heurísticas que caracterizan la relación entre estos dos campos. Se busca identificar tanto las tensiones como las posibilidades de articulación, evitando reduccionismos o instrumentalizaciones superficiales. Desde esta perspectiva, el artículo problematiza las premisas y los riesgos de una posible homología entre los campos, destacando los elementos que impiden una transposición directa de categorías y enfoques. Finalmente, el estudio explora caminos para una articulación epistemológica más consistente y productiva entre las dos áreas.

PALABRAS CLAVE: Discurso. Psicoanálisis. Análisis.

* Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: barbosa.filho@ufrgs.br.

ABSTRACT: This article proposes a critical investigation of the relation between discourse analysis and psychoanalysis, based on the hypothesis that this relationship is not biunivocal. This means that there is no equivalence between how discourse analysis relates to psychoanalysis and how psychoanalysis relates to discourse analysis. Taking as a starting point a reflection on the place of psychoanalysis in Michel Pêcheux's thought, the central objective is to examine the theoretical and heuristic specificities that characterize the relationship between these two fields. It seeks to identify both the tensions and the possibilities of articulation, avoiding reductionisms or superficial instrumentalizations. From this perspective, the article problematizes the premises and risks of a possible homology between the fields, highlighting the elements that prevent a direct transposition of categories and approaches. Finally, the study explores pathways for a more consistent and productive epistemological articulation between the two areas.

KEYWORDS: Discourse. Psychoanalysis. Analysis.

1 INTRODUÇÃO

A que ciência se pede, como condição preliminar para existir, que se empenhe em fornecer resultados destinados a enriquecer outras ciências que se ocupam de outros objetos? Isso é recusar a ela qualquer objeto próprio.

Ferdinand de Saussure

As relações entre a análise de discurso e a psicanálise têm despertado o interesse do meio acadêmico brasileiro desde o início dos anos 1990, sobretudo a partir dos trabalhos pioneiros de Nina Leite (1994) e Marlene Guirado (1995). O primeiro investiga, com base na obra de Michel Pêcheux, as relações teóricas entre os fundamentos epistemológicos da análise de discurso e da psicanálise lacaniana, destacando tanto aproximações quanto impasses, que se desdobram em aporias e limites no diálogo teórico entre esses dois campos. Já o trabalho de Marlene Guirado propõe uma abordagem que articula clínica, pesquisa e intervenção, relacionando a psicanálise à análise de discurso de Dominique Maingueneau e Michel Foucault. Esses dois estudos, contudo, não serão analisados em detalhe neste texto, pois não constituem (sobretudo o primeiro) o alvo principal das críticas que dirijo a uma forma específica de exploração ideológica da análise de discurso pela pesquisa psicanalítica na universidade: a apropriação metodológica¹.

A crítica que desenvolvo neste artigo dirige-se, portanto, a outra questão: discutir os impasses e efeitos de uma tendência recorrente desde o início dos anos 2000, a qual, deliberadamente, opto por não exemplificar nominalmente. Trata-se, afinal, de uma orientação geral, e não de um conjunto específico de estudos, que subordina a análise de discurso a uma função meramente metodológica no âmbito da pesquisa psicanalítica na universidade. Esses estudos a que me refiro têm origem na aproximação entre psicanalistas e linguistas, sobretudo vinculados a programas de pós-graduação de universidades brasileiras.

Partindo desse caráter mais amplo da crítica, busco também examinar algumas questões pontuais sobre as relações teóricas e analíticas entre a análise de discurso e a psicanálise, analisando suas convergências, divergências e possibilidades de articulação na pesquisa acadêmica. Meu objetivo é explorar como esses campos podem dialogar de maneira teoricamente consequente, preservando a singularidade de seus objetos teóricos e métodos de investigação, sem incorrer em reducionismos ou apropriações anedóticas.

É preciso dizer, no entanto, que há inúmeros trabalhos que, embora também não sejam objeto de análise neste artigo, considero promoverem aproximações produtivas entre os dois campos. Faço questão de mencionar, entre seus autores, os seguintes nomes: Lauro Baldini (2010), Frederico Feu Zeymer de Carvalho (2008), Bethania Mariani (2021), Julia Mendes Carrenho (2021), Leonardo Coutinho Rodrigues (2024), Thales de Medeiros Ribeiro (2020), Edmundo Gasparini (2021), Aline Fernandes de Azevedo (2013), Lucília Maria Abrahão Sousa (2022) e Valéria Motta (2019). Esses estudos buscam na psicanálise subsídios para compreender de que modo o discurso, enquanto ponto de encontro entre o linguístico e o ideológico, evoca questões que interessam à psicanálise, como o luto e o trauma, por exemplo, a partir de um viés não metodológico e recusando o caráter instrumental atribuído ao dispositivo teórico-analítico da semântica proposta por Michel Pêcheux. Em sua maioria, tais trabalhos se dedicam a compreender a dimensão significante desses processos, isto é, como fenômenos como o luto e o trauma significam, são formulados e circulam em

¹ Sobre o conceito de *exploração ideológica*, ver Pêcheux (1971 [1969]).

diferentes dispositivos de arquivo. Aqueles de natureza mais teórica buscam estabelecer relações entre análise de discurso e psicanálise sem reduzir um campo ao outro.

Inicialmente, examino de que modo a psicanálise de Sigmund Freud e Jacques Lacan está presente em diversos textos de Michel Pêcheux. Procuro compreender como, e em que condições, Pêcheux articula conceitos psicanalíticos em diferentes momentos de elaboração de sua teoria do discurso, destacando tanto as contribuições quanto os limites dessa interlocução, especialmente nos textos da década de 1970, recorte cronológico que me interessa mais detidamente, por ser o período em que Pêcheux se dedica à construção de uma teoria do discurso capaz de fundamentar teoricamente sua semântica. Ao longo dessa análise, enfatizo a importância de situar tais relações tanto do ponto de vista teórico quanto histórico, destacando que a presença da psicanálise cumpre, em Pêcheux, uma função estratégica em sua luta teórica², a saber: a crítica às filosofias espontâneas da subjetividade dominantes na linguística, no marxismo e, de maneira mais ampla, nas ciências humanas e sociais³.

Para Pêcheux, as filosofias espontâneas da subjetividade determinam tanto o alcance teórico das pesquisas quanto seu grau de comprometimento com a ideologia dominante. Em vez de formularem uma teoria estruturada da subjetividade, tais filosofias espontâneas produzem efeitos materiais sobre as práticas de produção de conhecimento, deixando, nos dispositivos científicos, um resíduo não teorizado, isto é, ideológico. Por isso, era fundamental discutir o núcleo mais “invisível” das teorias, inclusive daquelas que se autodenominavam “críticas”. Tratava-se de enfrentar (teoricamente) o humanismo teórico, que confinava todos os problemas de pesquisa, tanto as perguntas quanto as respostas, no circuito fechado da ideologia dominante, limitando a investigação à lógica ora idealista, ora empirista do par sujeito-objeto⁴. É nesse contexto que a psicanálise assume, para Pêcheux, uma função estratégica e central na luta teórica, ao oferecer instrumentos para desestabilizar essa lógica e possibilitar a formulação de uma concepção anti-humanista de sujeito e sentido.

Em um segundo momento, discuto a crescente tendência de instrumentalização metodológica da análise de discurso em pesquisas psicanalíticas, frequentemente desvinculando-a de suas bases teóricas. Chamo atenção, sobretudo, para os riscos inerentes ao *psicanalismo*⁵. O *psicanalismo*, tal como o concebo, configura-se como uma tendência que extrapola os limites epistemológicos da psicanálise, estendendo seu escopo a práticas sociais diversas. Esse movimento assemelha-se ao que se convencionou chamar de *psicanálise aplicada*, mas com um agravante: enquanto a psicanálise aplicada ainda mantém certa fidelidade a fundamentos teóricos da psicanálise, o *psicanalismo* opera por meio de uma apropriação superficial e descontextualizada de conceitos de outras disciplinas, convertendo-os em ferramentas puramente retóricas desprovidas de caráter heurístico.

No que concerne especificamente à análise de discurso, o *psicanalismo* manifesta-se como uma instrumentalização anedótica de categorias como *formação discursiva*, *interdiscurso* ou *efeito-sujeito*, por exemplo, mas desvinculadas de sua problemática teórica⁶.

² O problema da luta teórica é central no marxismo, como nos mostra uma passagem paradigmática de Engels em *Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã*: “Para liquidar uma filosofia não basta, porém, proclamar pura e simplesmente que ela é falsa” (Engels, 1982 [1886], p. 178). A luta teórica, portanto, não se resume à simples negação de concepções equivocadas, mas exige a construção de novas formulações capazes de substituí-las de maneira efetiva. Desde Lênin, em *Que fazer?* (2020 [1902]), a luta teórica é reconhecida como um dos pilares fundamentais do movimento revolucionário, ao lado das lutas política, ideológica e econômica. Ela representa o embate intelectual necessário para desenvolver, defender e consolidar a teoria revolucionária, evitando que o movimento caia no ecletismo, no oportunismo ou na falta de princípios coerentes. Essa luta envolve a crítica rigorosa às tendências antirrevolucionárias, a assimilação crítica da experiência internacional e a formulação de uma teoria capaz de orientar a prática revolucionária de forma consistente. Sem ela, o movimento perde sua direção e sua capacidade de enfrentar os desafios históricos, tornando-se vulnerável a desvios e à influência de ideias contrárias aos interesses objetivos do proletariado. Como destacam Haroche, Henry e Pêcheux, “[...] na luta teórica como em qualquer outro campo, destruímos realmente apenas aquilo que somos capazes de substituir realmente” (2020 [1971], p. 32). Nesse sentido, a luta teórica não se limita à crítica e à demolição de concepções equivocadas, mas exige a construção de *novas formulações teóricas* que possam efetivamente ocupar o lugar das anteriores, produzindo uma verdadeira mudança de terreno. Para uma análise mais profunda sobre a pluralidade das lutas (de classe), ver Althusser (2017 [1965]).

³ Althusser (1967).

⁴ A respeito da crítica ao par sujeito-objeto, ver Althusser (1965).

⁵ “Chamarei, aqui, de *psicanalismo* essa mobilização instrumental da análise de discurso por parte da investigação psicanalítica, em referência direta ao que Françoise Gadet e Michel Pêcheux chamaram de “*logicismo e sociologismo*” (Barbosa Filho, 2023, p. 4).

⁶ Em Althusser (1965; 1967), *problemática* é o sistema de pressupostos teóricos que organiza, de maneira necessária, a relação entre objeto, método e conceitos em uma prática teórica. Não é apenas um “tema” ou um “assunto”, mas a rede de questões que torna possível formular certas perguntas, construir certos objetos de conhecimento e mobilizar determinados procedimentos de análise. Por isso, a mudança de problemática implica também uma transformação do objeto e do método.

Trata-se de um procedimento que substitui a análise de discurso por uma semiologia imaginária, na qual os conceitos perdem sua função heurística para servir a fins preestabelecidos, seja a legitimação *acadêmica* (através da chancela de um campo já estabelecido e reconhecido entre os pares), seja a legitimação *institucional* desses estudos (através da chancela de um campo dotado de legitimidade, inclusive de acordo com os critérios de agências de fomento, no interior das assim chamadas pesquisas qualitativas).

Nesse contexto, a prática analítica acaba se convertendo em uma hermenêutica ingênua, profundamente fenomenista⁷, na qual os conceitos passam a funcionar apenas como palavras ilustrativas do material analisado. Ou seja, os conceitos parecem operar como instrumentos analíticos, mas, na realidade, não desempenham qualquer papel efetivo na produção de conhecimento: limitam-se a ornamentar a leitura com um vocabulário técnico, simulando uma análise que, muitas vezes, se reduz a explicações guiadas por palavras apresentadas como se fossem conceitos. Trata-se, aliás, de um fenômeno clássico na história das ciências, amplamente documentado, que pretendo aprofundar, em seguida, ao tratar das relações entre semiologia e linguística.

Na conclusão, busco fazer um balanço crítico das discussões apresentadas, interrogando caminhos possíveis para uma articulação mais consistente e produtiva entre a análise de discurso e a psicanálise. Espero que este artigo contribua para o desenvolvimento de uma reflexão epistemológica mais sólida sobre o lugar da psicanálise na análise de discurso de Michel Pêcheux, bem como para a discussão sobre os modos de produzir conhecimento na investigação psicanalítica no contexto universitário. Ao destacar os desafios e as potencialidades dessa interlocução, pretendo fomentar um diálogo mais rigoroso e enriquecedor entre as duas áreas.

2 FREUD, MARX, SAUSSURE

Freud e Marx, cada um à sua maneira, foram responsáveis por defender a existência de estruturas que nos governam independentemente de nossas vontades e de nossa consciência. Essas estruturas, anteriores, exteriores e independentes, nas quais somos produzidos – e que, inclusive, produzem nossas vontades e nossa consciência –, têm, paradoxalmente, como consequência material sua própria dissimulação. Essa dissimulação faz com que “esqueçamos” de sua existência. Daí resulta a figura imaginária do “Eu”, causa, origem e fonte de si mesmo. Essa ideia é sintetizada na citação quase proverbial de Marie Langer (1973, p. 6): “Freud e Marx descobriram igualmente, por detrás de uma realidade aparente, as verdadeiras forças que nos governam: Freud, o inconsciente; Marx, a luta de classes”.

Na década de 1920, surgiu o freudo-marxismo, um campo teórico que buscava integrar as teorias psicanalíticas de Freud com o materialismo histórico de Marx. Pensadores como Otto Fenichel, Wilhelm Reich, Herbert Marcuse e Erich Fromm exploraram como as estruturas psíquicas e os desejos inconscientes se relacionam com as condições materiais e as relações de poder nas formações sociais cujo modo de produção dominante é o capitalista. Uma questão central definia suas análises: por que as classes dominadas agem e pensam em conformidade com os interesses daqueles que as dominam? A resposta proposta era que a repressão psíquica sustenta a dominação de classe, sugerindo que a libertação individual e coletiva exigiria tanto a transformação das estruturas econômicas quanto uma “emancipação psíquica”.

Apesar do sucesso do freudo-marxismo, a relação entre os dois campos é também marcada por controvérsias. É muito comum ouvir psicanalistas afirmarem que o marxismo é uma prática enganosa ou incapaz de compreender a dinâmica das relações sociais, pois

Althusser ilustra muito bem essa questão a partir da descontinuidade em torno da obra de Marx: no jovem Marx, inscrito ainda na problemática antropológica e humanista (o “homem” sendo, em última instância, o núcleo dessa problemática), o objeto aparece sob categorias como “alienação” e “essência do homem”, que orientam o método e a análise. Já em *O Capital*, Marx trabalha em outra problemática, de caráter científico, que constitui um novo objeto (as relações de produção no modo de produção capitalista) e exige categorias próprias, como “mais-valia” e “forças produtivas”. Portanto, para Althusser, não há ciência sem problemática: é ela que estrutura a coerência interna entre método, objeto e conceitos, delimitando as condições de produção do conhecimento.

⁷ Chamo aqui de *fenomenismo* uma inflação do *vivido-percebido*, em que as interpretações se apoiam quase exclusivamente nas impressões imediatas da experiência. Nesse quadro, os conceitos não funcionam como operadores de construção teórica, mas como um “verniz” aplicado *a posteriori*, conferindo aparência de científicidade a leituras que permanecem, no fundo, espontâneas e impressionistas. Agradeço ao amigo e colega Cristian Marques pelas valiosas reflexões que ajudaram a elaborar, ainda que provisoriamente, essa categoria.

não leva em consideração a dimensão do desejo e do gozo⁸; enquanto marxistas frequentemente criticam a psicanálise como uma “ciência burguesa”, individualista e indiferente à reprodução das relações sociais que produzem o sofrimento psíquico. A tensão entre essas perspectivas dá visibilidade não apenas a divergências teóricas, mas também a disputas sobre o papel da subjetividade e das estruturas sociais na compreensão do animal humano. Há, inclusive, um episódio emblemático dessa controvérsia.

Em junho de 1949, um grupo de psicoterapeutas e psiquiatras franceses publicou, na seção *Autocrítica* da prestigiosa revista *La Nouvelle Critique*, um texto (Bonnafé *et al.*, 1949) intitulado *Psychanalyse, idéologie réactionnaire* (*Psicanálise, ideologia reacionária*, em tradução livre). O texto coletivo foi assinado por Lucien Bonnafé, Sven Follin e Louis Le Gulland (médicos dos *Hôpitaux psychiatriques de la Seine*), Emile Monnerot (interno dos *Hôpitaux psychiatriques de la Seine*), Serge Lebovici (à época, médico assistente dos *Hôpitaux de Paris*), Jean Kestemberg e Evelyne Kestemberg, (psicoterapeutas do *Hôpital Henri-Roussel*) e Salem Shentoub (pesquisador do C.N.R.S.).

Os autores do texto – todos, de algum modo, identificados ou filiados ao Partido Comunista Francês – dirigem à psicanálise críticas contundentes. Ela é definida como uma ideologia perigosa, que opera na contramão dos processos de transformação das relações sociais. Surgida em Viena, no contexto da decadência da família burguesa paternalista e da crise da moral sexual, a psicanálise incorporou elementos que dialogavam com demandas específicas da burguesia, como a libertação sexual, um tema central à época. Contudo, longe de ser um dispositivo científico “puro”, seu surgimento é interpretado pelos autores como uma resposta às necessidades da burguesia. Inicialmente apresentada como revolucionária, a ideia de libertação sexual foi progressivamente substituída pelo domínio de conceitos como *culpa* e *superego*, que reforçaram normas sociais e acomodaram a psicanálise ao conservadorismo.

Assim, a psicanálise é criticada por promover a adaptação individual à sociedade burguesa, tornando-se uma arma ideológica para justificar tanto repressões internas quanto conflitos globais, sempre em consonância com os interesses da classe dominante. Sua popularização foi vista como uma estratégia para conter insatisfações sociais, desviando demandas revolucionárias, ao mesmo tempo em que buscava legitimação ao apresentar-se como progressista ou até socialista.

O texto também ataca os fundamentos teóricos e clínicos da psicanálise, argumentando que ela se baseia em concepções mistificadoras que mascaram as verdadeiras causas dos problemas humanos, ignorando as condições sociais e históricas subjacentes. A psicanálise é acusada de “reificar” conceitos como *inconsciente*, *instinto* e *complexo*, tratando-os como entidades independentes, quando são, na realidade, construções dependentes de contextos biológicos e sociohistóricos. A noção de instinto é criticada por desconsiderar o papel do aprendizado e do ambiente no comportamento humano, aproximando a psicanálise de filosofias “idealistas e conservadoras”, como o “élan vital” de Bergson e a “vontade de poder” de Nietzsche. Poderíamos resumir essa questão em dois pontos: para os marxistas franceses da primeira metade do século XX, a psicanálise é indagada tanto científica quanto politicamente.

Se entre 1933 e 1963, a psicanálise foi oficialmente combatida pelo Partido Comunista Francês, uma fissura é produzida desde o interior do Partido entre 1963 e 1964. Filiado ao PCF (apesar das inúmeras contradições ligadas a essa presença no interior do partido), Althusser produz quatro intervenções: as conferências *O lugar da psicanálise nas ciências humanas*, de 1963; *Psicanálise e psicologia e o artigo Freud e Lacan*, ambos de 1964⁹; as *Três notas sobre a teoria dos discursos*, de 1966¹⁰. Um detalhe importante: o artigo *Freud e Lacan* foi publicado na revista *La nouvelle critique*, revista teórica do PCF. Os quatro textos fazem, cada um a seu

⁸ Essa posição teórica, que remonta às próprias reflexões de Freud sobre o marxismo, foi posteriormente desenvolvida por diversas vertentes da psicanálise. Em *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise* (1996 [1933]), Freud interroga o alcance teórico do materialismo histórico: “Parece provável que aquilo que se conhece como visão materialista da história pecke por subestimar esse fator. Eles o põem de lado, com o comentário de que as ‘ideologias’ do homem nada mais são do que produto e superestrutura de suas condições econômicas contemporâneas. Isto é verdade, mas muito provavelmente não a verdade inteira. A humanidade nunca vive inteiramente no presente. O passado, a tradição da raça e do povo, vive nas ideologias do superego e só lentamente cede às influências do presente, no sentido de mudanças novas; e, enquanto opera através do superego, desempenha um poderoso papel na vida do homem, independentemente de condições econômicas” (Freud, 1996 [1933], p. 72-73). O diálogo crítico entre psicanálise e marxismo foi bem explorado por Rouanet (1983) e Hilário (2014).

⁹ Esses textos foram publicados no livro *Psychanalyse et sciences humaines* (Althusser, 1996).

¹⁰ Esse texto foi publicado nos *Écrits sur la psychanalyse* (Althusser, 1993).

modo, um serviço à retomada da radicalidade da intervenção freudiana no debate sobre subjetividade: seu caráter radicalmente antipsicológico e a subversão face às filosofias idealistas da subjetividade. Para Althusser, portanto, a psicanálise é uma *ciência revolucionária*, e não uma *ideologia reacionária*. Mas ela não é revolucionária por sustentar em seu núcleo um programa político simétrico ao projeto teórico-político de Marx, isto é, por seu conteúdo programático ou temático, por uma semelhança substancial. A psicanálise é revolucionária por permitir a emergência de uma reflexão *formalmente* distinta da ideologia burguesa, profundamente antihumanista – logo, antiburguesa – sobre a subjetividade.

Ou seja, para Althusser a psicanálise é uma *ciência* pois produz conhecimento sobre o seu objeto (o inconsciente); e ela é *revolucionária* porque a descoberta de Freud condena, desde as bases, o cerne da subjetividade burguesa, centrada no imperativo da razão, da liberdade e da vontade como instâncias autônomas e inerentes à espécie humana. A ideologia dominante da sociedade burguesa – a ideologia jurídica e seu humanismo constitutivo – é atacada pela descoberta freudiana, o que libera a via para a construção de uma teoria (e de uma política) capaz de romper com a eficácia do imaginário, em direção ao *conhecimento* do sujeito e dos processos sociohistóricos.

De um lado, “ideologia reacionária”; de outro, “ciência revolucionária”. É, pois, nesse contexto que a psicanálise passa a frequentar o debate marxista no interior do materialismo francês desde 1964, após o arrefecimento do freudo-marxismo de tradição alemã.

Mas não é apenas a relação entre marxismo e psicanálise que produz, no espaço de elaboração das teorias sociais do século XX, uma crítica das formas de dissimulação do efeito das estruturas. A psicanálise também constrói, desde muito cedo, relações de afinidade com a linguística, especialmente a partir da década de 1950, com os trabalhos de Jacques Lacan, Roman Jakobson e Émile Benveniste. É evidente que, muito antes disso, as conexões entre psicanálise e linguística já estavam presentes na obra de Freud, inclusive em seu primeiro livro, a monografia sobre as afasias¹¹.

Portanto, não é exagero afirmar que a psicanálise foi a primeira ciência a se dedicar a uma reflexão consistente sobre a dimensão material da linguagem, da língua e da fala, interrogando as relações desses elementos com a subjetividade e o inconsciente. Mais do que isso, ela explorou os mecanismos de dissimulação dessa materialidade, ao questionar como o dizer é também um deixar de dizer, inviabilizando uma ciência da linguagem centrada na comunicação ou no entendimento mútuo. Lacan desempenhou um papel fundamental nessa crítica, sustentando, entre outras coisas, que “[...] o próprio fundamento do discurso inter-humano é o mal-entendido” (Lacan, 1988 [1956], p. 192). Além disso, a psicanálise abordou a materialidade formal da língua como condição do enunciável, questionando assim a noção da língua como mero meio de expressão.

Lacan critica o que chamou de “ideologia da comunicação”, que reduz a linguagem a um mero instrumento de transmissão de informações entre sujeitos que se compreendem mutuamente. Contra essa visão, ele afirma que o sujeito está condenado à ordem da linguagem e do significante, bem como ao Outro. Para Lacan (1993 [1974]; 1996 [1953-1954]; 1999 [1957-1958]), a fala não pode ser reduzida a um diálogo entre “eu” e “eu”, como se a comunicação fosse um processo transparente entre sujeitos plenamente conscientes e autônomos. Em relação à clínica, rejeita a ideia de que o processo analítico consistiria em uma troca equilibrada e empática de significados entre sujeitos. Pelo contrário, a análise se dá no nível do desejo e do significante, onde se está sempre em falta, e a comunicação é inviabilizada por um mal-entendido estrutural.

Dessa forma, a fala não é um meio de transmitir pensamentos de maneira transparente, mas um campo onde emergem lapsos, equívocos e deslocamentos significantes, marcas do inconsciente. Essa crítica alerta contra abordagens terapêuticas que recalcam a lógica do inconsciente, buscando apenas o entendimento intersubjetivo. O processo analítico não visa, portanto, “melhorar a comunicação”, mas lidar com o fato de que o sujeito está capturado pelo significante e pelo desejo do Outro. Lacan desloca, assim, a ênfase psicologizante da comunicação como “partilha de sinais” para a linguagem como estrutura que constitui o sujeito.

A relação entre linguística e psicanálise oferece ferramentas tanto para questionar a onipotência do falante como fonte e origem de seu dizer quanto para desafiar a ideia da linguagem como expressão de uma racionalidade inerente. A hipótese do inconsciente –

¹¹ Freud (2020 [1891]).

que tem na linguagem uma condição de sua existência¹² – redefiniu os paradigmas e teorias da racionalidade e da “expressão” vigentes desde pelo menos a publicação da Gramática de Port-Royal em 1660 (Arnauld; Lancelot, 2002 [1660]).

Essa inusitada, porém, viável, triangulação entre psicanálise, marxismo e linguística (pensada a partir de Freud, Marx e Saussure) cria um terreno fértil para todos os pensadores interessados em desenvolver uma reflexão materialista sobre linguagem e subjetividade. É dessa conjunção, que considera a eficácia material das estruturas e a primazia das relações sobre as unidades nos processos de significação, que emerge uma semântica radicalmente nova.

3 ANÁLISE DE DISCURSO E PSICANÁLISE

É nessa conjuntura epistemológica que a psicanálise comparece nos primeiros textos de Michel Pêcheux. Destaco, a título de exemplo, dois de seus artigos escritos sob o pseudônimo de Thomas Herbert. Em fevereiro de 1966, ele publica no segundo volume da *Cahiers pour l'analyse*, revista do *Cercle d'épistémologie* da École Normale Supérieure¹³, um texto intitulado *Réflexions sur la situation théorique des sciences sociales et, spécialement, de la psychologie sociale*¹⁴. A crítica (ou denúncia) aguda é dirigida não apenas à psicologia social, mas a todo o campo das ciências humanas e sociais.

Em setembro de 1967, ele escreve outro texto, publicado no verão de 1968: *Remarques pour une théorie générale des idéologies*¹⁵, também nos *Cahiers pour l'analyse*, volume nove. Trata-se de um desdobramento do texto de 1966, que buscava avançar na reflexão sobre a precariedade teórica das ciências sociais.

Esses artigos não serão extensamente comentados, principalmente porque essa recensão já foi muito bem-feita por Paul Henry (2010 [1990]). A questão aqui evocada é muito mais pontual e diz respeito ao lugar da psicanálise nesses dois textos, ambos fundamentais na elaboração do que posteriormente viria a ser chamado de análise de discurso.

No texto de 1966, Pêcheux fez questão de situar a psicanálise, ou a “ciência do inconsciente” (Herbert, 1973 [1966], p. 35), como uma prática teórica capaz de subsidiar, ao lado da linguística e do marxismo, uma “[...] ‘escuta social’, armada de instrumentos científicos” (Herbert, 1973 [1966], p. 36) contra o empirismo, a “carência teórica” (Herbert, 1973 [1966], p. 34) que assolou e assola as ciências sociais e, especialmente, a psicologia social. Já no texto de 1968, ele afirma que o “[...] uso que fazemos de instrumentos inicialmente constituídos pela psicanálise coloca o problema da relação entre o *inconsciente analítico* e o inconsciente social do recalque ideológico” (Herbert, 1995 [1968], p. 75)¹⁶.

¹² Em *Radiofonia* (2001 [1970]), Lacan apresenta duas afirmações centrais sobre essa questão. A primeira é que “[...] a linguagem é a condição do inconsciente” (p. 406), posição que o distingue de outras tradições psicanalíticas, como a de Laplanche, que defendem o inverso, ou seja, que o inconsciente é a condição da linguagem. A segunda afirmação é que “[...] o inconsciente é a condição da linguística” (p. 406). Essas formulações dão visibilidade a uma relação intrínseca e recíproca entre linguagem e inconsciente, sugerindo que um não pode ser conhecido sem levar o outro em consideração.

¹³ O *Cercle d'épistémologie* foi um coletivo de pesquisadores reunidos em torno de Louis Althusser na École Normale Supérieure de Paris. Entre 1966 e 1969, o *Cercle* publicou dez volumes dos *Cahiers pour l'analyse*. Todas as edições dos *Cahiers* estão disponíveis em formato digital no seu site oficial.

¹⁴ O texto de 1966 possui duas versões em português, uma publicada em 1973, no volume 30-31 da revista *Tempo Brasileiro* (Herbert, 1973) e traduzida por Maria da Glória Ribeiro da Silva; outra publicada em 2011 (Herbert, 2011) no livro *Análise de discurso, Michel Pêcheux: textos escolhidos por Eni Orlandi* e traduzida por Mariza Vieira da Silva e Laura Parisi.

¹⁵ O texto de 1968 também possui duas versões em português, uma publicada em 1974, no livro *Psicanálise e ciência da história* (Herbert, 1974) organizado por Carlos Henrique Escobar e traduzida por Maria da Glória Ribeiro da Silva; outra publicada em 1995 no quinto volume da revista *RUA* (Herbert, 1995) e traduzida por Eni Orlandi, Carolina Rodriguez e José Horta Nunes.

¹⁶ Em 1975, Pêcheux recusa a possibilidade de existência conceitual de um “recalque ideológico”, tratando de discernir pontualmente o recalque (inconsciente) do assujeitamento (ideológico). Diferentemente dos freudo-marxistas, desde Otto Fenichel, Wilhelm Reich e Erich Fromm até a escola de Frankfurt, que desde a década de 1920 acabam por considerar inconsciente e ideologia como estruturas quase homólogas, Pêcheux opta por uma interpretação distinta, radicalmente althusseriana, desenvolvida por este sobretudo nos textos compilados em *Écrits sur la psychanalyse* (Althusser, 1993) e *Psychanalyse et sciences humaines* (Althusser, 1996). Esse é, sem dúvida, um dos lugares privilegiados para uma reflexão ainda muito incipiente a respeito das relações entre o conceito freudiano de *identificação* e o conceito althusseriano de *interpelação* na epistemologia da análise de discurso, especialmente em sua teoria da subjetividade.

Nos dois textos, portanto, a psicanálise comparece, ao lado da *linguística* e do *materialismo histórico*, como um dispositivo teórico capaz de oferecer às ciências humanas e sociais uma *mudança de terreno* face ao empirismo, ao subjetivismo e ao formalismo então reinantes.

Curiosamente, a psicanálise está ausente da obra que lança as bases da análise de discurso de Michel Pêcheux, a *Análise automática do discurso* (AAD, de agora em diante), sua tese de doutorado em psicologia social. Ausência justificada por um *desvio psicossociológico*, nas palavras do próprio Pêcheux, adotado no texto de 1969. Na AAD, a noção psicossociológica de *formações imaginárias* ocupa, na teorização das condições de produção do discurso, o lugar de uma reflexão propriamente psicanalítica, ou melhor, o lugar de uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica que só seria formulada em 1975. Eis o que o próprio Pêcheux (1975, p. 11, tradução minha) afirma a respeito desse *desvio*:

[...] o primeiro texto [AAD-69] aparece retrospectivamente afetado por um desvio “sociológico”, mesmo “psicossociológico”, que, mesmo tendo o mérito de se opor muito eficazmente ao formalismo espontâneo de toda semântica “geral” ou “universal”, deixou amplamente a possibilidade de uma *sociolinguística dos discursos*, atribuindo a cada classe social (ou fração de classe) “o seu discurso”, inscrito nos seus próprios “papéis”, “representações”, “imagens”, etc [...] A noção de *formação discursiva*, e o estudo do seu funcionamento constitutivamente contraditório enquanto *processo discursivo-ideológico* que se desenvolve numa *base linguística*, começa a permitir-nos corrigir este desvio.

A noção de *formações imaginárias*, ancorada na teoria das representações sociais da psicologia social, impõe ao texto de 1969 uma compreensão pré-psicanalítica do sujeito e do imaginário, encaminhando o conceito de *condições de produção do discurso* na AAD a uma teoria psicossociológica da representação ou projeção dos lugares ocupados pelos protagonistas do discurso na estrutura social.

Embora Pêcheux tente resolver esse impasse optando por uma diferenciação entre *lugar* (social) e *posição* (discursiva), não há, de fato, uma compreensão psicanalítica (ou mesmo materialista) da subjetividade e do imaginário no texto de 1969. A esse respeito, Jean-Jacques Courtine (1981, p. 22, tradução minha) chega a dizer que

[...] os termos “imagem” ou “formação imaginária” poderiam perfeitamente ser substituídos pela noção de “papel”, tal como esta é utilizada nas “teorias do papel”, herdadas da sociologia funcionalista de Parsons ou mesmo do interacionismo psicossociológico de Goffman. Os pares nocionais lugar/formação imaginária, ou situação (objetiva)/posição (subjetiva) se sobrepõem estreitamente aos pares status/papel da sociolinguística de Bernstein ou posição social/papel do funcionalismo e etnologia (por exemplo em Radcliffe-Brown). A tentativa de definição geral esboçada em Pêcheux não é, portanto, capaz de romper com as origens psicossociológicas da noção.

O conceito de *formações imaginárias* (que subsidiava o conceito de *condições de produção*) ocupava, deste modo, o lugar de uma dupla lacuna: 1) ausência de uma teoria materialista da formação do sujeito, ocupada por uma incipiente teorização psicossociológica da subjetividade; 2) ausência de uma teoria materialista do imaginário ou, para retomar a expressão do próprio Pêcheux, de uma teoria “[...] da relação do sujeito com aquilo que o representa; portanto, uma teoria da identificação e da eficácia material do imaginário” (Pêcheux, 1975, p. 112).

Na autocrítica que fazem da AAD, Catherine Fuchs e Pêcheux (2010 [1975], p. 169) reconhecem que as *formações imaginárias*, tal como foram formuladas em 1969, “[...] deixam amplamente aberta a possibilidade de uma interpretação ‘interpessoal’ do sistema das *condições de produção*”. Os autores dizem ainda que:

[...] os processos discursivos, como foram aqui concebidos, não poderiam ter sua origem no sujeito. Contudo, eles se realizam necessariamente neste mesmo sujeito. Esta aparente contradição remete na realidade à própria questão da constituição do sujeito e ao que chamamos seu assujeitamento. Sobre este ponto, impõem-se certos esclarecimentos em relação às formulações ambíguas que o texto de 1969 fornecia, principalmente referentes às “condições de produção”: essa ambiguidade residia no fato de que o termo “condições de produção” designava

ao mesmo tempo o efeito das relações de lugar nas quais se acha inscrito o sujeito e a “situação” no sentido concreto e empírico do termo, isto é, o ambiente material e institucional, os papéis mais ou menos conscientemente colocados em jogo, etc. No limite, as condições de produção neste último sentido determinariam “a situação vivida pelo sujeito” no sentido de variável subjetiva (“atitudes”, “representações” etc.) inerentes a uma situação experimental. Podemos agora precisar que a primeira definição se opõe à segunda como o real ao imaginário, e o que faltava no texto de 1969 era precisamente uma teoria deste imaginário localizado em relação ao real. Na falta dessa localização era inevitável (e foi o que efetivamente se produziu) que as relações de lugar fossem confundidas com o jogo de espelhos de papéis interiores a uma instituição, o tempo aparelho, introduzido acima, sendo ele mesmo indevidamente confundido com a noção de instituição. Em outros termos, o que faltava e o que ainda falta parcialmente é uma teoria não subjetiva da constituição do sujeito em sua situação concreta de enunciador (Fuchs; Pêcheux, 2010 [1975], p. 169-170, grifos meus)¹⁷.

Em 1975, portanto, Pêcheux abre mão da categoria de *formações imaginárias* e não volta a utilizá-la¹⁸. Desde então, é a teorização althusseriana do assujeitamento ideológico que lhe permite construir um conceito de subjetividade adequado à sua teoria do discurso, assentado em uma reflexão sobre a *ligação material* do inconsciente com a ideologia. De acordo com Pêcheux, em *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado* Louis Althusser “[...] apresentou os fundamentos reais de uma teoria não-subjetivista do sujeito” (Pêcheux, 1997 [1975], p. 133). É, pois, na fricção do marxismo com a psicanálise que a autocrítica de Pêcheux ganha corpo.

E é justamente nesse lugar que a psicanálise volta, após o hiato psicossociológico da AAD, a ocupar um espaço primordial no quadro epistemológico de sua semântica materialista, que reside, segundo ele,

[...] na articulação de três regiões do conhecimento científico:

1. O materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias;
2. a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo;
3. a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos.

Convém explicitar ainda que estas três regiões são, de certo modo, atravessadas e articuladas *por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica)* (Fuchs; Pêcheux, 2010 [1975], p. 160, grifo meu).

O ano de 1975 marca, portanto, um acerto de contas com a teoria da subjetividade elaborada na AAD. Esse acerto de contas permite um *retorno*, e não uma aparição contingente da psicanálise no quadro epistemológico da análise de discurso. Ela não opera mais *ao lado* da linguística e do marxismo, mas *fundamenta* uma teoria da subjetividade *que atravessa e articula* o materialismo histórico, a linguística e a teoria da determinação histórica dos processos semânticos.

É sobretudo em sua principal obra, *Les vérités de La Palice*, que Pêcheux dará ênfase ao fato de que “[...] o recalque inconsciente e o assujeitamento ideológico estão materialmente ligados, sem estar confundidos, no interior do que se poderia designar como o processo do Significante na interpelação e na identificação” (Pêcheux, 1975, p. 123, tradução minha), apontando ao mesmo tempo para um conceito fundamental do marxismo althusseriano (interpelação) e outro da psicanálise freudiana (identificação), rompendo com qualquer possibilidade de desvio psicossociológico quanto à compreensão teórica da subjetividade e dos processos semânticos.

É, pois, uma relação de constitutividade que justifica o atravessamento da análise de discurso pela psicanálise e não uma afinidade contingente, colateral. Ela comparece desde o princípio como uma formação teórica que alicerça o edifício epistemológico da análise de discurso, oferecendo a Pêcheux a possibilidade de uma mudança de terreno face ao psicologismo que dominava tanto a linguística (impregnada pelas ideologias da comunicação, pelos ecletismos semiológicos e pelo formalismo) quanto o marxismo

¹⁷ Fiz uma pequena modificação em relação à tradução original. A tradução brasileira traduz a passagem “une théorie de cet imaginaire repéré par rapport au réel” por “uma teoria deste imaginário localizada em relação ao real” e eu optei por “uma teoria deste imaginário localizado em relação ao real”. Um detalhe, a meu ver, teoricamente relevante.

¹⁸ A noção de *formações imaginárias* só aparece em dois textos de Michel Pêcheux: a AAD-69 e no *Recherches sur le discours illuministe au XVIIIe siècle: Louis-Claude de Saint-Martin et les “circonstances”*, escrito em coautoria com o historiador Gérard Gayot (Gayot; Pêcheux, 1971).

(impregnado pelo humanismo). Ou seja, a *teoria da subjetividade de natureza psicanalítica* possibilita ao projeto de construção de uma semântica materialista o rompimento com todas as tomadas de posição teóricas que concebiam o falante como causa, centro e origem (de si e dos processos de significação).

Sendo ao mesmo tempo fundadora e fundamental, a relação entre análise de discurso e psicanálise movimentou importantes discussões no Brasil. Destaco, a título de exemplo, os trabalhos de Nina Leite (1994) e Marlène Teixeira (2000) que procuram, de modos distintos, situar criticamente o lugar da psicanálise no empreendimento teórico de Michel Pêcheux. Leite, em *Psicanálise e análise do discurso: o acontecimento na estrutura* (1994), investiga as relações entre os registros do inconsciente e da ideologia, apontando que a ordem do gozo, do desejo e a consideração do real, não podem se ausentar de uma reflexão sobre sujeito e sentido, sob o risco de uma lacuna que obstaculiza o lugar da contingência no discurso.

Sustentando uma crítica mais aguda, Teixeira, em *Análise de discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso* (2000), propõe uma espécie de retificação da relação de Pêcheux com a psicanálise lacaniana. De acordo com a autora, Pêcheux negligenciou o conceito de pulsão ao articular Althusser e Lacan e essa negligência teria encaminhado o seu projeto teórico a uma inevitável aporia.

4 PSICANÁLISE E ANÁLISE DE DISCURSO

Se a psicanálise sempre esteve presente na análise de discurso como alicerce de uma teoria materialista do sujeito e do sentido, não se pode afirmar o inverso, ou seja, que a análise de discurso sempre esteve presente na psicanálise, compondo o seu quadro epistemológico.

Essa relação é, na verdade, bastante distinta e parece advir de um interesse recente e crescente pela análise de discurso por parte de psicanalistas que desenvolvem pesquisas na universidade desde os anos 1990. A presença cada vez mais incisiva da psicanálise nas universidades brasileiras promove um encontro teórico entre dispositivos de leitura que partilham de certas premissas epistemológicas. No entanto, essa aproximação também parece acenar à necessidade de respostas aos apelos (ou exigências) das agências de fomento por métodos de investigação já consagrados e dotados de alguma credibilidade científica.

Embora baseados em tradições intelectuais distintas daquelas que fundamentam a obra de Michel Pêcheux, os trabalhos pioneiros na tentativa de aproximar a psicanálise da análise do discurso são os de Marlène Guirado (1995, 2007, 2009). Entre eles, merece destaque a sua tese de livre-docência, defendida em 2009, na qual a autora constrói as bases de uma “análise institucional do discurso”.

Inspirando-se na releitura que Dominique Maingueneau faz da obra de Michel Foucault, Guirado propõe esse modelo como um “[...] método de pesquisa em psicologia e como estratégia de pensamento para intervenções concretas junto a outras instituições e mesmo na clínica psicanalítica” (Guirado, 2009, p. 6). Ou seja, trata-se de uma aproximação que busca subsídios para a prática clínica, pesquisa e intervenção psicanalítica no que a autora chama de “análise de discurso francesa”¹⁹.

Trata-se, portanto, de uma relação inteiramente distinta. Dessa vez não se trata mais de mapear epistemologicamente a presença da psicanálise no edifício teórico da obra de Michel Pêcheux – como o fizeram Nina Leite(1994) e Marlène Teixeira (2000), por exemplo –, mas de pensar a viabilidade da relação que a psicanálise, enquanto um dispositivo clínico, e também de investigação, ligado à pesquisa universitária, mantém com a análise de discurso.

No trabalho de Guirado – que, a meu ver, representa o paradigma elementar de muitos outros que, a partir da psicanálise, reivindicam a análise de discurso em suas pesquisas, ainda que alguns acreditem estar dialogando com a obra de Pêcheux –,

¹⁹ Por reivindicar a filiação a outra tradição da análise de discurso (Foucault e Maingueneau, sobretudo), a obra nada diz a respeito de Michel Pêcheux, salvo uma menção paródica e pouco respeitosa que não merece sequer ser levada a sério.

identifico uma incidência específica da relação entre psicanálise e análise de discurso: a emergência de uma instrumentalização “metodológica” da análise de discurso na pesquisa universitária em psicanálise. É cada vez mais comum que a análise de discurso seja mobilizada como uma metodologia *ad hoc*, servindo como fiadora da legitimidade heurística da psicanálise como campo de produção de conhecimento na universidade. Diante dessa tendência, defendo a posição de que *a análise de discurso não é uma metodologia* e não pode ser mobilizada de maneira instrumental, embora seja, de fato, um *instrumento teórico*²⁰.

A título de hipótese, sustenta-se que parte do equívoco teórico que autoriza a análise de discurso como fiadora heurística da pesquisa em psicanálise reside em um efeito sinônimo associado à suposta identidade de dois significantes: *análise* e, sobretudo, *discurso*. A meu ver,

[..] é grande a diferença entre considerar a psicanálise como uma *análise do discurso* (em oposição a uma *análise do eu [moi]*, conforme a distinção proposta por Jacques Lacan no *Seminário 1*) e considerar a análise de discurso como uma “metodologia” auxiliar à pesquisa acadêmica em psicanálise. Em outras palavras, se a psicanálise pode ser compreendida como uma *análise do discurso*, trata-se se ainda da mesma *análise* e do mesmo *discurso*? (Barbosa Filho, 2023, p. 4).

É possível situar essa querela de modo mais preciso tomando como base uma relação teórica tão familiar quanto anedótica: a relação da semiologia com a linguística na década de 1960, especialmente na França. Essa relação permite pensar tanto no problema da *ciência-piloto*, fiadora de legitimidade científica, quanto no da *exploração metodológica* (uma forma, afinal, de exploração ideológica²¹), que são candentes na atual conjuntura teórica da análise de discurso. Essa relação também permite expor, muito pontualmente, o problema da importação de categorias teóricas e procedimentos heurísticos de um campo a outro.

Em geral, a exploração ideológica de um campo por outro começa por uma *confusão teórica*, que reside na relação entre o *objeto*, a *problemática* e os *conceitos* de uma prática teórica. No caso específico da relação entre análise de discurso e psicanálise, a hipótese provisória é que a confusão se inscreve, como já foi mencionado, sobretudo em torno do termo *discurso*. Isso é semelhante à relação da semiologia com a linguística, onde a *confusão* se instalou em torno do termo *linguagem*.

Em 1971, Claudine Haroche, Paul Henry e Pêcheux (2020 [1971], p. 18, grifo meu) fizeram um ótimo resumo da querela:

Seja pelo viés de uma hipótese sobre a essência da cultura – concebida como um conjunto de sistemas simbólicos que englobam tanto a linguagem quanto outros sistemas como os mitos, a arte ou a economia – ou então, revestido por um empirismo triunfante, pela evocação de uma “metodologia geral das humanidades” e até mesmo de uma “ciência das ciências”, a referência à linguística tornou-se, em diversas disciplinas, um lugar comum. Uma confusão entre “língua” e “linguagem” – pois é assim que se deve considerar – desempenha um papel crucial na questão. Se não perdermos de vista que a referência a Saussure é também um lugar comum, existe aí um duplo paradoxo que não deveria deixar de nos surpreender. Primeiramente, não se pode deixar de ser atingido pelo cuidado que Saussure empenhou em separar teoricamente língua e linguagem. Por outro lado, como foi recentemente lembrado por Claudine Normand, é resistindo aos apelos das evidências empíricas que Saussure pôde formular os conceitos que fundam a linguística como ciência. As diversas explorações ideológicas das atuais teorias linguísticas (e não, para sermos mais precisos, dos conhecimentos linguísticos) se caracterizam por um deslizamento contínuo entre língua e linguagem, conjugado a um retorno forçado a um empirismo renovado pelo formalismo. *Para resumir, em nome da própria ruptura saussuriana, defende-se, em certa medida, o oposto.*

Quando o objeto da linguística, desde Saussure, passa a ser a *langue*, há a circunscrição de uma *problemática*. Não se trata, em Saussure (2004 [1891]), de interrogar a origem ou as relações diacrônicas de parentesco entre as línguas, por exemplo. A despeito disso, Roland Barthes (2001 [1957]) em seu famoso *Mitologias* fez algo paradigmático. Por meio de *emprestímos metafóricos*, ele se

²⁰ Henry (2010 [1990]).

²¹ Haroche; Henry; Pêcheux (2020 [1971]).

apropria do corpo conceitual e dos procedimentos heurísticos da linguística negligenciando o fato de que esse corpo conceitual e heurístico depende do *objeto* daquela ciência²².

Para ilustrar esse ponto, imaginemos uma situação análoga: um psicólogo comportamental pede a um psicanalista a “técnica de escuta” utilizada na clínica, afirmando acreditar em sua eficácia, mas recusando-se a adotar os conceitos de *inconsciente* e *transferência*, por exemplo. Ele quer apenas a metodologia, sem se comprometer com a teoria que a fundamenta. Esse pedido revela uma contradição: a técnica psicanalítica não pode ser dissociada dos conceitos que a tornam significativa, assim como os métodos da linguística não podem ser desvinculados de seu objeto teórico. A tentativa de usar uma metodologia sem sua base conceitual resulta em uma apropriação superficial e distorcida, que ignora a especificidade e a coerência interna de cada campo de conhecimento.

Isto aponta para os riscos de transformar a análise de discurso em fiadora da científicidade da psicanálise, da mesma forma que a linguística foi para as ciências humanas e sociais nas décadas de 60 e 70, especialmente em relação à semiologia. Embora tanto a análise de discurso quanto a psicanálise se ocupem do discurso, isso não implica uma correspondência conceitual do termo. Portanto, é necessário avaliar como o conceito de discurso opera dentro dessas formações teóricas específicas.

A análise de discurso *não é* nem uma metodologia, nem uma técnica. Ao menos se compreendermos por metodologia um conjunto de procedimentos que nos levam a obter resultados invariantes por meio de dados obtidos através de uma coleta que independe de uma base teórica que subsidia todas essas categorias.

O que diferencia a análise de discurso das diversas “metodologias qualitativas” (a exemplo da análise de conteúdo, tão requisitada pelas ciências humanas, sociais e da saúde), é que a análise de discurso é um dispositivo dotado de um quadro epistemológico indissociável dos seus procedimentos analíticos. O seu quadro epistemológico não “ilustra” ou “inspira”, mas *alicerça* a sua dimensão analítica.

A análise de conteúdo é uma metodologia. Ela não coloca em questão o conceito de *conteúdo* porque para eles o conceito de conteúdo equivale à *mensagem* que, por sua vez, é algo que está “contido” em um texto (ou “por trás” dele). Isso quer dizer que a análise de conteúdo não precisa de uma *teoria* do conteúdo, mas a análise de discurso precisa de uma *teoria* do discurso ou, ainda mais especificamente, de uma *teoria do discurso como objeto teórico*.

Para Pêcheux (1997 [1975]), a construção do discurso como objeto teórico da análise de discurso é um expediente central de seu projeto. O discurso é definido por ele como um processo sócio-histórico que se dá sobre a base material das línguas naturais. Destaque-se a ênfase na distinção entre *discurso* e *língua*. Vejamos o que ele diz a respeito:

Ao opor base lingüística [sic] e processo discursivo, inicialmente estamos pretendendo destacar que [...] todo sistema lingüístico [sic], enquanto conjunto de estruturas fonológicas, morfológicas e sintáticas, é dotado de uma autonomia relativa que o submete a leis internas, as quais constituem, precisamente, o objeto da Lingüística [sic]. É, pois, sobre a base dessas leis internas que se desenvolvem os processos discursivos, e não enquanto expressão de um puro pensamento, de uma pura atividade cognitiva, etc., que utilizaria “acidentalmente” os sistemas linguísticos (Pêcheux, 1997 [1975], p. 91).

O conceito de discurso depende, portanto, de uma teoria da língua que não a transforme em correlata de um instrumento de comunicação; de uma teoria da história que não a transforme nem em uma linha do tempo na qual se encontrariam os dizeres e nem como contexto; de uma teoria da subjetividade que não transforma o falante em fonte ou causa dos processos simétricos. Ela

²² Em um dos mais importantes (e subestimados) livros sobre a relação entre língua e história, Régine Robin evoca um exemplo que é muito útil ao debate deste texto. Ao falar da “exportação” da linguística para campos disciplinares vizinhos (a semiologia, a história, a antropologia, etc.), ela critica os *emprestímos metafóricos* empregados por esses campos. Noções como *signo* e *linguagem*, por exemplo, comparecem, de acordo com a autora, de modo *metafórico*, desvinculadas do valor conceitual que possuem na linguística, mas operando teoricamente *como se fossem idênticas a elas*. Remetendo às observações de Georges Mounin (1970), afirma que “[...] os empréstimos terminológicos feitos à linguística são na realidade súmulas conceituais, aproximações analógicas muitas vezes mal fundamentadas” (Robin, 1977 [1973], p. 18).

se fundamenta como uma crítica às hermenêuticas que decantam a língua, aos formalismos que recalcam a história, aos subjetivismos que recalcam o inconsciente.

Desse modo, as línguas não se constituem como “veículo” ou “meio de expressão” de ideologias, mas impõem efeitos materiais aos processos semânticos. Abstraindo qualquer teorização da língua como *base*, a análise de conteúdo procede, portanto, por uma metodologia que não teoriza os seus fundamentos.

Poderíamos dizer, sem exagero, que os seus fundamentos operam como axiomas que subjetivam o pesquisador no lugar de uma transparência do olhar, como um hermeneuta ou decifrador que busca algo *através* do texto, entendido aí como um puro suporte de mensagens. A partir disso, ele “coleta” os seus dados e procede a uma pesquisa que não investiga teoricamente as suas próprias bases. É essa configuração que autoriza a análise de conteúdo a, por exemplo, contar palavras²³, supondo que essas palavras sejam *índices* (e não *indícios*) de uma determinada conduta ideológica ou de um viés político determinado²⁴.

É possível e legítimo sustentar que a psicanálise é uma análise do discurso, desde que se reconheça que isso ocorre em um sentido muito distinto daquilo que Michel Pêcheux entende por análise de discurso. Essa distinção nos obriga a interrogar o que se entende por *análise e discurso* em ambos os domínios²⁵.

Embora diversos campos se ocupem do discurso, isso não implica uma correspondência conceitual do termo. Em outras palavras, é necessário avaliar como o conceito de discurso opera no interior de formações teóricas específicas. Ignorar essa questão é confundir palavra e conceito. A análise de discurso tem o discurso como *objeto*. Mesmo que o *termo* discurso apareça na obra de Lacan, o objeto da psicanálise é o inconsciente²⁶.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto não tem a menor pretensão de esgotar o tema. Muito pelo contrário. Espera-se que ele possa ser a abertura para uma discussão tão fundamental quanto recalada, a saber: de que modo podemos aproximar ou tensionar esses dois campos sem decantar, integrar ou fazer com que um explore ideologicamente o outro?

Se a psicanálise, desde suas origens, se ocupa de fenômenos não-clínicos, ela já não possui, por si só, um aparato conceitual e heurístico capaz de dar conta desses fenômenos? Em que medida, então, se justifica uma relação com a análise de discurso que não se restrinja a razões metodológicas? Qual a relevância e pertinência de Michel Pêcheux dentro desse edifício teórico? Em outras

²³ Um exemplo pode ajudar: em análise de conteúdo, se a palavra “invasão” ocorre 100 vezes e a palavra “ocupação” ocorre 30 vezes em um texto (ou conjunto de textos), provavelmente se afirmará que o texto (ou conjunto de textos) é contrário ao Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), uma vez que “invasão” e “ocupação” são, numa posição como essa, “índices” de engajamento político. Trata-se de uma hermenêutica empírica, pré-lingüística, amparada em uma semântica lexicalista que ignora a materialidade da língua (confundindo, inclusive, *língua e léxico*) e que é completamente distinta da análise de discurso (e também da análise na clínica psicanalítica, desde que esta leve a sério a eficácia material do significante).

²⁴ É isso que faz, por exemplo, que a análise de conteúdo possa ser aplicada *posteriormente* a uma coleta de dados. Uma pesquisa em análise de conteúdo permite que um pesquisador colete os seus dados e, em um momento muito posterior, aplique essa metodologia nos dados que, lembre-se, foram obtidos *à revelia* dos princípios ou das categorias da análise de conteúdo, pois ela não precisa de categorias que subsidiam o seu funcionamento, pois são imediatamente *aplicáveis* sem que haja a necessidade de uma mediação teórica prévia.

²⁵ Tentei pensar isso em Barbosa Filho (2023).

²⁶ O termo *discurso* aparece em Lacan desde a década de 1950, mas só adquire o estatuto de conceito nos Seminários 16 e 17, com a formulação da “teoria dos quatro discursos”. Ao longo de três décadas, o termo oscila entre dois eixos principais. No Seminário 1 (1953-1954), Lacan propõe a psicanálise como uma “análise do discurso”, em oposição às abordagens empíricas de Anna Freud e Melanie Klein. Aqui, o discurso refere-se à fala do analisante, chamada de “verbalização”, entendida como a “assunção falada de sua história” (Lacan, 1996 [1953-1954], p. 323). Para Lacan, a história não é o passado, mas o passado reconstruído no presente através do discurso. No entanto, o discurso não é um veículo de comunicação; ele opaciza a transmissão de informações, tornando-se um espaço de fissura onde o inconsciente emerge nas falhas da fala, com a transferência desempenhando um papel central. No Seminário 5 (1957-1958), Lacan distingue discurso e cadeia significante, afirmando que “[...] o inconsciente é o discurso do Outro” (Lacan, 1999 [1957-1958], p. 488). Aqui, o discurso não carrega ou veicula conteúdos semânticos, mas marca a presença de uma falta real, indicando que alguém fala, sem que haja um sujeito na origem do discurso. O sujeito é efeito dessa estrutura. Nos Seminários 16 (2008 [1968-1969]) e 17 (1992 [1969-1970]), Lacan parece revisitar a ideia de psicanálise como análise de discursos, expandindo o conceito para além da fala do analisante. Ele aborda as relações entre a vida psíquica e as estruturas sócio-históricas, tensionando o gozo e o significante.

palavras, o que Pêcheux teria a acrescentar à investigação psicanalítica que não fosse um acréscimo contingente e destituído de valor teórico, como ocorre, por exemplo, com o conceito de “signo” em Barthes?

Não basta afirmar que a psicanálise deve se limitar à clínica e delegar a escuta do social a outros dispositivos teóricos. Como bem observa Paul-Laurent Assoun, a investigação da cultura não está no fim, mas na origem da psicanálise. Ele afirma que “[...] todo o alcance do saber psicanalítico deve-se unicamente ao fato de responder à origem da *Kultur*” (Assoun, 2012 [2008], p. 11). Essa perspectiva reforça que a psicanálise já possui, em sua base, ferramentas conceituais para abordar fenômenos sociais e culturais, o que nos leva a questionar em que medida a análise de discurso poderia contribuir de forma substantiva, e não apenas instrumental, para a investigação psicanalítica.

Diante desse cenário, um caminho produtivo para trabalhos futuros consiste em aprofundar as articulações teóricas entre os dois campos, evitando reducionismos ou apropriações superficiais. Acredito que as sugestões que encaminhei são válidas: interrogar, por exemplo, como os conceitos de *discurso* e *análise* operam em cada uma dessas formações teóricas e em que medida é possível estabelecer um diálogo consequente em torno do sujeito. Além disso, seria relevante explorar de que modo uma crítica das inclinações hermenêuticas da psicanálise pode se valer da análise de discurso sem transformá-la em uma ferramenta interpretativa ou metodológica²⁷. Se a análise de discurso se funda na crítica às hermenêuticas, aos formalismos e aos subjetivismos²⁸, sua relação com a psicanálise deve preservar essa postura epistemológica, evitando reinscrever na pesquisa discursiva os mesmos pressupostos que busca desconstruir.

A análise de discurso, tal como desenvolvida por Pêcheux, encontra na psicanálise um alicerce teórico fundamental para a construção de uma teoria materialista do sujeito e do sentido, especialmente ao permitir uma crítica contundente às noções ingênuas de comunicação e subjetividade, deslocando a ênfase da linguagem como mero instrumento de expressão para uma compreensão mais profunda de sua materialidade e dos processos de significação.

Para avançar em uma articulação mais produtiva e teoricamente consequente entre análise de discurso e psicanálise, é necessário evitar reducionismos e instrumentalizações. Em vez de tratar a análise de discurso como uma metodologia a ser aplicada de forma acrítica, é preciso reconhecer seu caráter teórico e epistemológico, que está intrinsecamente ligado a uma reflexão sobre a materialidade da língua e da ideologia.

Nesse sentido, futuros trabalhos poderiam explorar de maneira mais profunda as interseções entre os dois campos, buscando uma articulação que respeite suas especificidades e potencialize suas contribuições mútuas. Uma direção promissora seria investigar como os conceitos psicanalíticos como *identificação*, por exemplo, podem enriquecer a análise de discurso, oferecendo novas perspectivas sobre os processos de significação e a constituição do sujeito no/do discurso. No artigo *On Discourse* (1979), Colin MacCabe enfatiza a importância de considerar o corpo como dimensão fundamental na elaboração de uma teoria da identificação (incluindo as formas de contraidentificação e desidentificação). Sua crítica a Pêcheux destaca como este transforma o assujeitamento ideológico em uma característica inerente da linguagem, enquanto a ciência e a política proletária surgem como soluções momentâneas, incapazes de romper definitivamente com a ideologia. Isso levaria a uma concepção em que a luta política se torna, em última instância, fadada a uma derrota inevitável. Para corrigir esse impasse, MacCabe propõe enfatizar as contradições do interdiscurso e a centralidade do corpo (e suas “representações”) na produção do conhecimento e na resistência política, apontando a política da sexualidade como um espaço crucial para subverter as exigências ideológicas de identificação. Pêcheux, que leu o texto de MacCabe, disse concordar com essa perspectiva. Esse é, creio eu, um ponto central de convergência entre a análise do discurso e a psicanálise, fundamental na elaboração de investigações futuras.

Por outro lado, a análise de discurso pode contribuir para a psicanálise ao oferecer ferramentas para a análise de práticas discursivas em contextos sociais e históricos específicos, ampliando o escopo da investigação psicanalítica para além da clínica, desde que esses objetivos não se transformem em uma técnica de psicanalização de documentos textuais. Além disso, seria produtivo explorar como

²⁷ Para uma crítica à compreensão da psicanálise como hermenêutica, ver Tort (1966).

²⁸ Há um desenvolvimento dessa tomada de posição teórica no manuscrito inédito *Le structuralisme brûle-t-il?* (Pêcheux, 1982).

a crítica de Lacan à ideologia da comunicação e sua ênfase no mal-entendido estrutural podem dialogar com a teoria do discurso de Pêcheux, especialmente no que diz respeito à crítica das formas de dissimulação das estruturas. É importante destacar que existem, na linguística, afirmações que dialogam de maneira significativa com conceitos provenientes da psicanálise, em especial com as elaborações de Lacan. Um exemplo notável é Antoine Culioli, um dos linguistas mais relevantes e fundamentais para as reflexões de Michel Pêcheux. Culioli (1990, p. 39) afirma, por exemplo, que “[...] a compreensão é um caso particular de mal-entendido”. O funcionamento do “mal-entendido” é, a meu ver, central na construção de relações entre análise de discurso e psicanálise e poderia abrir caminhos para uma compreensão mais sofisticada tanto das relações entre o sujeito e a linguagem quanto dos mecanismos da dominação ideológica.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. *Pour Marx*. Paris: PUF, 1965.
- ALTHUSSER, L. *Philosophie et philosophie spontanée des savants*. Paris: Maspero, 1967.
- ALTHUSSER, Louis. *Écrits sur la psychanalyse*: Freud et Lacan. Textes réunis et présentés par Olivier Corpet et François Matheron. Paris: Stock/IMEC, 1993.
- ALTHUSSER, Louis. *Psychanalyse et sciences humaines*: deux conférences (1963-1964). Édition établie et présentée par Olivier Corpet et François Matheron. Paris: IMEC/Le Livre de Poche, 1996.
- ALTHUSSER, L. Teoria, prática teórica e formação teórica. Ideologia e luta ideológica. In: BARISON, T. (org.). *Teoria marxista e análise concreta*: textos escolhidos de Louis Althusser e Étienne Balibar. Tradução de Duarte Pereira. São Paulo: Expressão Popular, 2017 [1965]. p. 27-82.
- ARNAULD, A.; LANCELOT, C. *Gramática de Port-Royal*. Tradução de Bruno Fregni Basseto e Henrique Graciano Murachco. São Paulo: Martins Fontes, 2002 [1660].
- ASSOUN, P.-L.. *Freud e as ciências sociais*: psicanálise e teoria da cultura. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 2012.
- AZEVEDO, A. F.. *Cartografias do corpo*: metáforas contemporâneas da sutura e da cicatriz. 2013. 191 f. Tese (Doutorado). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/907767>. Acesso em: 18 ago. 2025.
- BALDINI, L. “Um pouco de possível senão eu sufoco...”. In: ROMÃO, L. M. S.; PACÍFICO, S. M. R. (org.). *Efeitos de leitura, sujeitos e sentidos em movimento*. Ribeirão Preto: Alphabeto, 2010. p. 57-66.
- BARBOSA FILHO, F. R. Sobre o acontecimento. *Revista Conexão Letras*, Porto Alegre, v. 18, n. 29, p. 01-25, 2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/136255>. Acesso em: 18 ago. 2025.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. Tradução de Rita Buongermino e Pedro de Souza. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001 [1957].
- BONNAFÉ, Lucien *et al.* Autocritique. La Psychanalyse, idéologie réactionnaire. *Nouvelle Critique*, n. 7, 1949.
- CARRENHO, J. M. *Eu vou contar e outras cenas de testemunhos de mulheres*: um estudo discursivo das relações entre arquivo, trauma e língua. Campinas: Unicamp / Publicações IEL, 2021.

CARVALHO, F. Z. F. *O Sujeito no Discurso*: Pêcheux e Lacan. 2008. 265 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ARCO-7F2RJQ/1/frederico_zeymercarvalho_tese.pdf. Acesso em: 18 ago. 2025.

COURTINE, J.-J. Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours, à propos du discours communiste adressé aux chrétiens. *Langages*, n. 62, p. 9-128, 1981.

CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation*. v. 1. Paris: Ophrys, 1990.

ENGELS, F. Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã. In: MARX, K.; ENGELS, F. *Obras escolhidas*. v. 3. São Paulo: Alfa-Omega, 1982 [1886]. p. 171-207.

FUCHS, C.; PÊCHEUX, M. A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Péricles Cunha. Campinas: Editora da Unicamp, 2010 [1975]. p. 159-249.

FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 22. edição standard brasileira. Tradução do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1933].

FREUD, Sigmund. *Sobre a concepção das afasias*: um estudo crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2020 [1891].

GAYOT, G.; PÊCHEUX, M. Recherches sur le discours illuministe au XVIIIème siècle: Louis-Claude de Saint-Martin et les "circonstances". *Annales: Économies, sociétés, civilisations*, Paris, v. 26, n. 3-4, p. 681-704, 1971.

GASPARINI, E. N. *Língua e Lalingue na Análise do Discurso de Michel Pêcheux*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

GUIRADO, M. *A análise institucional do discurso como analítica da subjetividade*. 2009. Tese (Livre docência em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/47/tde-24082009-094342/pt-br.php>. Acesso em: 18 ago. 2025.

GUIRADO, M. *Psicanálise e análise do discurso*: matrizes institucionais do sujeito psíquico. São Paulo: Summus, 1995.

GUIRADO, M. A clínica psicanalítica como análise de discurso. In: GUIRADO, M.; LERNER, R. (org.). *Psicologia, pesquisa e clínica*: por uma análise institucional do discurso. São Paulo: Annablume, 2007. p. 195-221.

HAROCHE, C.; HENRY, P.; PÊCHEUX, M. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. In: BARONAS, R. *Análise do discurso*: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. Tradução de Roberto Baronas e Fábio César Montanheiro. Araraquara: Letraria, 2020 [1971]. p. 17-39.

HENRY, P. Os fundamentos teóricos da análise automática do discurso de Michel Pêcheux. In: GADET, F.; HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Bethania Mariani. Campinas: Editora da Unicamp, 2010 [1990]. p. 11-38.

HERBERT, T. Reflexões sobre a situação teórica das ciências sociais e, especialmente, da psicologia social. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 30-31, p. 3-36, jul./dez. 1973 [1966].

HERBERT, T. Notas para uma teoria geral das ideologias. In: ESCOBAR, C. H. (org.). *Psicanálise e ciência da história*. Tradução de Maria da Glória Ribeiro da Silva. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974 [1968].

HERBERT, T. Observações para uma teoria geral das ideologias. *Revista RUA*, Campinas, v. 1, n. 1, p. 63-89, 1995 [1968].

HERBERT, T. Reflexões sobre a situação teórica das ciências sociais e, especialmente, da psicologia social. In: ORLANDI, E. (org.). *Análise de discurso, Michel Pêcheux: textos escolhidos por Eni Orlandi*. Tradução de Mariza Vieira da Silva e Laura Perella Parisi. Campinas: Pontes, 2011 [1966]. p. 21-54.

HILÁRIO, L. C. A sombra marxiana em Freud, ou o descompasso constitutivo de um encontro. *Psicologia & Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 3, p. 540-551, 2014.

LACAN, J. Radiophonie. In: LACAN, J. *Autres écrits*. Paris: Seuil, 2001 [1970]. p. 403-447.

LACAN, J. *Televisão*. Tradução de Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Zahar, 1993 [1974].

LACAN, J. *O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud (1953-1954)*. Tradução de Betty Milan. Rio de Janeiro: Zahar, 1996 [1953-1954].

LACAN, J. *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957-1958)*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1999 [1957-1958].

LACAN, J. *O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro (1968-1969)*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2008 [1968-1969].

LACAN, J. *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise (1969-1970)*. Tradução de Ari Roitman. Rio de Janeiro: Zahar, 1992 [1969-1970].

LANGER, M. et al. (org.). *Questionamos: a psicanálise e suas instituições*. Tradução de Kátia do Prado Valladares. Petrópolis: Vozes, 1973.

LEITE, N. *Psicanálise e análise do discurso: o acontecimento na estrutura*. Rio de Janeiro: Campo matêmico, 1994.

LÊNIN, V. I. *O que fazer? Questões candentes de nosso movimento*. São Paulo: Boitempo, 2020 [1902].

MACCABE, C. On discourse. *Economy and society*, Londres, v. 8, n. 3, p. 279-307, 1979.

MARIANI, B.. *Testemunhos de resistência e revolta: um estudo em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes, 2021.

MOTTA, V. R. A. *O poético na análise do discurso de Michel Pêcheux*. Campinas: Pontes, 2019.

MOUNIN, G. *Introduction à la sémiologie*. Paris: Les éditions de minuit, 1970.

PÊCHEUX, M. Ideologia e história das ciências. In: FICHANT, M.; PÊCHEUX, M. *Sobre a história das ciências*. Lisboa: Estampa, 1971 [1969]. p. 17-57.

PÊCHEUX, M. *Les vérités de La Palice*. Paris: Maspero, 1975.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1997 [1975].

PÊCHEUX, M. *Le structuralisme brûle-t-il?* Manuscrito inédito, 1982. [Disponível no Institut Mémoires de l'édition contemporaine (IMEC), França].

RIBEIRO, T. M. *Literatura cinza: uma (sub)versão do luto em Inventário de cicatrizes*. 2020. 157 f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1160993>. Acesso em: 18 ago. 2025.

ROBIN, R. *História e linguística*. São Paulo: Cultrix, 1977 [1973].

RODRIGUES, L. C. *O sujeito, os nomes próprios e impróprios nas fendas da história: uma leitura de “Hasta ser Victoria”*. 2024. 124 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2024. Disponível em: <https://www.repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1393384>. Acesso em: 18 ago. 2025.

ROUANET, S. P. *Teoria crítica e psicanálise*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: Edições UFC, 1983.

SAUSSURE, F. Primeira conferência na universidade de Genebra (novembro de 1891). In: SAUSSURE, F. *Escritos de linguística geral*. Organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler, com a colaboração de Antoinette Weil. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004 [1891]). p. 126-136.

SOUZA, L. M. A. Relicário da pandemia: a ordem do afeto, da arte e da resistência na trama do discurso. In: SALLES, A. C.; LUNKES, F. L.; BRANCO, L. C. (org.). *Afetos em discurso: movimentos dos sujeitos e dos sentidos na história*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 192-214.

TEIXEIRA, M. *Análise de discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido do discurso*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

TORT, M. De l'interprétation de la machine herméneutique. *Temps modernes*, Paris, v. 21, n. 237-238, p. 1629-1652, 1966.



Recebido em 16/03/2025. Aceito em 25/04/2025.

Publicado em 02/09/2025.